

# BRASIL - PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.  
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.  
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.  
COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

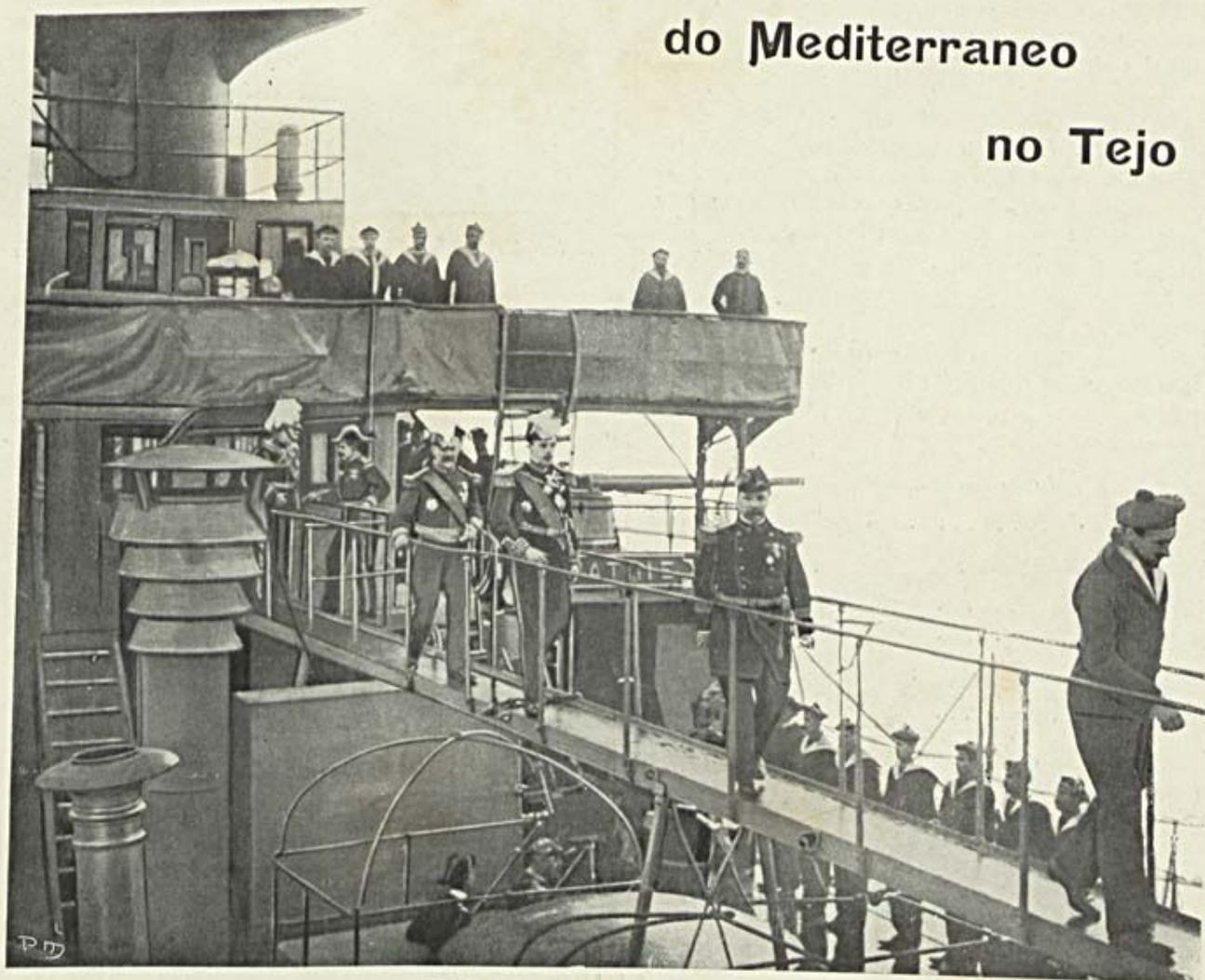
1 DE FEVEREIRO DE 1910

N.º 265

## A esquadra franceza

## do Mediterraneo

## no Tejo



(Clché de J. Benoulié).

### Visita de El-Rei á esquadra franceza

O Senhor D. Manuel a bordo do «Saint-Louis», navio almirante

*A visita de El-Rei ao presidente Fallières e ainda ha pouco a estada no Tejo da esquadra franceza do Mediterraneo, a magnifica recepção feita em Paris ao soberano portuguez e o captivante acolhimento aqui feito aos officies e marinheiros francezes, são factos que não podem passar despercebidos para quem se interessa pelas cousas do nosso paiz, porque todos elles se ligam, evidentemente significando as boas relações existentes entre as duas nações latinas — Portugal e França.*

*Se accrescentarmos a isto as boas relações que existem entre a Hespanha e a Inglaterra, entre esia e a França e entre nós e a Grã-Bretanha, teremos concluido que as quatro nações do occidente da Europa se estão dando as mãos, contribuindo assim para a manutenção da paz ou seja para o bem estar e progresso da humanidade.*

## 12.º anno

## A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

Entra hoje no 12.º anno da sua publicação o **Brasil-Portugal**.

Por termos chegado a esta altura da nossa existencia jornalística sinceramente nos congratulamos com todos os nossos collaboradores, com os escriptores e os artistas, que tanto relevo e brilho teem dado a estas paginas, com todos os que nos leem, com quantos emfim, por todas as fórmas, compondo, imprimindo, annunciando, propagando os melhoramentos e progressos da Revista, activamente hão cooperado no exito d'ella, que tem crescido de anno para anno.

Em saber corresponder a todas essas dedicações pomos o nosso voto mais ardente. Quando começámos em 1898, mal diríamos que doze annos depois havíamos de escrever palavras quasi eguaes, com a mesma confiança, a mesma força de animo, a mesma energia de vontade. E' que então uma esperanza nos animava; hoje é uma realidade que se impõe. A um publico que mal conheciamos pediamos estímulos e incentivos; hoje é o publico de Portugal e do Brasil que applaude o cumprimento honrado do nosso programma, que sanciona e applaude a nossa obra.

Ella ahí está. São onze annos de trabalho, de esforço, de exito. Nella está garantida a confiança com que ao encetarmos o 12.º anno, voltamos á lucta, com as mesmas armas: a vontade, a seriedade, o trabalho. E mais esta: o reconhecimento.

Repetimos o que escrevemos ha 15 dias:

«No numero dos sacrificios feitos avulta o das successivas reduções de preços, que vem a proposito recordar n'este momento.

No 2.º anno reduziu-se o preço:

Em Portugal — de ..... 7\$000 a 6\$000 réis

No 3.º anno reduziu-se:

Em Portugal — de ..... 6\$000 a 5\$400 réis

No Brasil — de ..... 45\$000 a 36\$000 »

No 8.º anno a redução foi:

No Brasil — de ..... 36\$000 a 26\$000 réis

No 9.º anno foi reduzido o preço:

Em Portugal — de ..... 5\$400 a 3\$600 réis

O 12.º anno de vida do **Brasil-Portugal** começa com uma nova redução de preço, no Brasil, para a qual tambem contribue a actual situação do cambio.

A assignatura annual, que custava lá 26\$000 réis, passa a ser de 14\$000 réis, e o numero avulso que custava 1\$200 réis passa a ser vendido por 600 réis.

Aqui deixamos consignado este appendice ao programma com que os fundadores do **Brasil-Portugal** ha 12 annos lançaram o primeiro numero da sua publicação.»

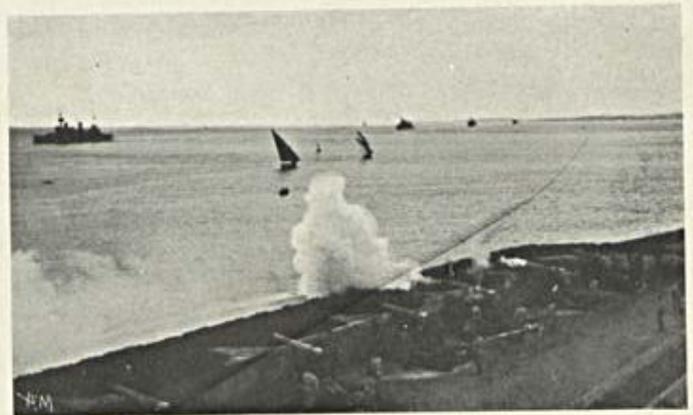
A DIRECÇÃO.

Carta a uma senhora que se sentiu aggravada com partidas carnavalescas da mocidade do lyceu do Carmo e da Escola Polytechnica n'uma viagem de electrico para Campolide.

Minha querida senhora:

A carta de v. ex.ª vem encontrar-me doente a ponto de me ver impossibilitado de acceitar o seu generoso e amabilissimo convite. O meu caso não é de excepcional melindre, felizmente: o costumeado

## A visita da esquadra franceza do Mediterraneo



As baterias do Bom Sucesso saudando a esquadra á sua passagem

ataque de rheumatismo que todos os annos me allige por esta época. Achaque de velhos — mal que não tem cura. O meu organismo já se familiarizou com o iodeto de potassio, de fórma que a acção d'este já não tem a efficacia d'antes. Recommendam-me muito um celebre tratamento que se faz na Allemanha: imersão em lodos. Mas eu não posso ir mergulhar o meu pé achacado nos lodos teutonicos exactamente porque nunca tirei o pé do lodo em Portugal.

Não quero, porém, privar-me do prazer de conversar um pouco com v. ex.ª. Será assim, por carta, visto não poder ser de outra maneira. E aproveito já a occasião em que as figadelas da minha nãopresta me dão uma abertassinha.

Reli ha pouco a carta de v. ex.ª e não me sae do pensamento a singular aventura que v. ex.ª correu na sua viagem em electrico, com ponto de partida marcado nas ruinas do Carmo e de chegada nas portas de Campolide.

E' de pasmar, minha querida senhora, é de pasmar! A indignação de v. ex.ª é justificadissima. Tão justificada, que eu proprio me indignei, e mais o caso não se passou comigo.

Nenhum livro de aventuras e casos tragicos dos que tenho lido



A visita da esquadra franceza do Mediterraneo

O almirante Aubert no Caes das Columnas

(Clichés de J. Benoit)



A visita da esquadra franceza do Mediterraneo  
A caminho da esquadra. — Algumas das pessoas que acompanharam  
El-Rei na sua visita e entre ellas os srs. marquez de  
Lavrado, conde de Figueiró, commandante de caçadores  
n.º 5 e tenente Teixeira, da policia.

— á frente a Historia tragico-maritima e as Peregrinações de Fernam Mendez Pinto — me causou a impressão approximada sequer da que a sua carta me produziu. Meu Deus, certamente, dizendo isto, eu não comporo o percalço de v. ex.ª com o naufragio de Sepulveda. Tudo é relativo. A minha indignação, evidentemente, tambem é relativa. Vamos já a consignar isto para que não salte d'ahi alguém a apodar-me de exagerado.

Conta-me v. ex.ª que sahindo o carro das ruinas do Carmo para o largo, junto do lyceu, rebentaram com fragor, sob o vehiculo, algumas bombas postas nos rails pelos estudantes, o que causou grande panico entre os passageiros e produziu uma syncope em v. ex.ª, ha muito atacada de lesão cardiaca. É que na rua da Escola Polytechnica e d'este estabelecimento de instrucção superior, grupos de estudantes alvejaram o carro a batatas, partindo todos os vidros, cujos estilhaços feriram v. ex.ª no rosto. E chama v. ex.ª a essas creaturas — selvagens.

Valha-nos Deus, D. Dorothea, valha-nos Deus, que em certas horas de afflicção não nos dá a serenidade precisa para sermos justos. Na sua indignação v. ex.ª foi injustissima com os selvagens. Evidentemente, estes praticam muitas judiarias: ha tal que se compraz em saborear costeletas do bicho homem como se fossem de tenra e inoffensiva vitella. Mas esses, como v. ex.ª deve saber por tradição, distinguem-se de nós outros pela cor,

pelo vestuario, etc. E se qualquer de nós deparasse com elles, não tinha illusões sobre a integridade das proprias costellas, porque sabia muitissimo bem o que o esperava.

Não assim com os senhores estudantes dos lyceus e da Polytechnica que usam, como toda a gente, varino do José Clemente ou capa côr de gato maltez talhada no cação do regimento, parecendo inoffensivas creaturas, tementes a Deus e á policia civil.

Mas que quer v. ex.ª que a gente lhes faça? A culpa, minha querida senhora, não é bem dos rapazes, que são fedelhos, em geral mal educados, entregues pela incuria ou incapacidade dos paes aos seus proprios instinctos, de redea á solta, não sentindo o bridão moral que contém as creaturas a dentro das conveniencias como o outro bridão contém as cavalgadas



A visita da esquadra franceza do Mediterraneo — O bergantim real chegando junto do navio almirante.

(Cliché de A. C. Lima)

n'aquella quietação necessaria a quem está por baixo duas vezes — na escala zoologica e das pernas do cavalleiro.

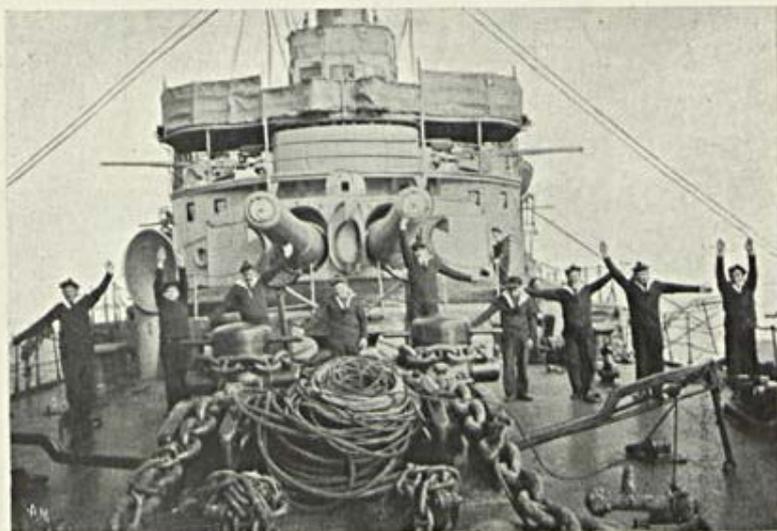
Nós não devemos estabelecer termos de comparação entre os rapazes que, como o fado, foram e já não são, e a rapaziada de hoje. Outros tempos, outros costumes.

Oh minha boa amiga, não julgue que eu pretendo lançar uma capa de misericórdia sobre os velhaquetes que a desrespeitaram. Não, não. Apenas desejo derimir responsabilidades. E, assim, insisto: a culpa não é dos rapazes, D. Dorothea. Creia v. ex.ª que não é...

Eu fui rapaz. Tenho uma leve idéa d'esse facto. Quando digo que fui rapaz não quero affirmar que tivesse sido um estoira vergas: pretendo apenas fixar que tive em tempos remotos, quinze, dezeseis, dezeseite, dezoito annos como toda a gente. V. ex.ª conheceu-me n'essa época e muito antes. Muiissimo antes. Ora, do tempo em que as nossas familias se juntavam em casa da senhora D. Rosa Candida, na rua da Sé, para vermos a procissão do Corpo de Deus, das rotulas, comendo favas torradas e rebuçados!

Rapazes d'esse tempo, velhos hoje, ainda por ali se encontram, graças ao Senhor: o Annibal Bettencourt, o Alfredo Mesquita, eu, João Dart Forjaz de Lacerda, o Faustino da Fonseca, muitos, emfim.

Rapazes todos, todos fomos uns diabretes, uns pelles de Judas, como por lá se diz. Brincavamos, riamos, divertimo-nos, mas ainda nos mais despreocupados folguedos, no auge da maior folia, denunciavamos a origem, isto é, que com o primeiro leite havíamos bebido as primeiras noções de educação — aquella educação que nos



A visita da esquadra franceza do Mediterraneo

Vive le roi!

Os signaleiros da esquadra franceza saudando El-Rei

obriga, pelo proprio respeito, ao respeito dos outros e ainda a essa outra linda pratica da veneração das pessoas de idade avançada, que nossos paes nos ensinaram a respeitar como a elles proprios.

E como conseguiram elles isso?

Dando elles proprios o exemplo, D. Dorothea.

Os nossos paes, ás vezes nossos avós, que devoção não tinham pelos paes d'elles! Com que religiosidade — permitta-me o termo — não beijavam elles a mão tremula das velhinhas que eram suas mães, dos velhinhos que eram seus paes, as brancas cabeças descobertas, recebendo a benção, com uma ternura no olhar a querer talvez justificar aquelle dito — duas vezes antes creanças!

Que desgosto não tinham nossos paes ao saberem que, n'um momento de zanga, haviam maltratado um creado? A que rigoroso castigo não nos sujeitavam depois de previamente nos terem obrigado a ajoelhar aos pés do servo, pedindo-lhe perdão da feia acção commetida?

Quando á porta batia o cego, o aleijado, o velhinho impossibilitado de trabalhar, que succedia, D. Dorothea? Não se lembra que eram as nossas mães ou nossas irmãs mais velhas quem ia buscar o pão á despensa ou o vintem á gaveta e que eramos nós os mandados á porta a entregar a esmola e a dizer o sacramental — *perdõe o pouco, meu irmão?*

E as nossas festas de familia? E o nosso espirito religioso tão isento de carolice? E a nossa vida escolar?

Que grandes virtudes as de nossos paes, D. Dorothea! Que caracteres, que crenças, que espiritos fortalecidos por uma solida educação moral e religiosa, na apparencia tão severa e no fundo tão amavel e tocante, baseando-se apenas no respeito e no amor pelos outros.

Que admiravel gente!

Ora imagine, D. Dorothea, que aos ouvidos de nossos paes chegava a noticia de termos partido a batatas os vidros de um carro em que iam senhoras... Deus me perdõe o pensamento!

Eu nem quero lembrar-me do castigo que nos seria infligido. Do que eu me lembro, D. Dorothea, é das lagrimas que elles chorariam pela vergonha de terem taes filhos.

Porque, não tenha duvida a tal respeito, D. Dorothea: nossos paes teriam vergonha da sua paternidade!

\*\*\*

Os paes dos meninos que a correram á batata, minha senhora, se alguma coisa deploram, é que os meninos tivessem roubado da despensa os projecteis, destinados a coser com o bacalhau do almoço. Para elles o mal da acção foi este — o desperdicio. Lamentam-se, creia v. ex.<sup>a</sup>, mas nada dirão aos meninos, com receio de resposta torta.

Os paes de hoje não são da raça dos outros. Os outros davam exemplos aos filhos. Os de hoje embasbacam deante da esperteza dos seus rebentos.

No nosso tempo, nós eramos rapazes que andavam na escola. Hoje, em egualdade de circumstancias, os meninos denominam-se os homens de amanhã.

Metteram-lhes em cabeça que haviam de ser elles os salvadores da patria e das batatas e agora aturem-os! E' de vêr, D. Dorothea. Se elles empregarem para a salvação da patria o processo que ora usam com as batatas, está v. ex.<sup>a</sup> vendo o destino que espera a nossa terra.

Aqui em cima, no primeiro andar, mora uma familia de que é chefe o sr. Rodrigues, que me dizem ser guarda-livros. Ha dois filhos. Uma menina, chamada Liberdade e um menino chamado Julio Graccho. Veja v. ex.<sup>a</sup> isto: Liberdade Rodrigues e Julio Graccho Rodrigues. Vamos andando.

Julio Graccho tem 16 annos. Fuma, tem os dentes cariados e idéas politicas muito radicaes. O pae dizia ha dias da janella para uma mercearia fronteira que o filho era da direcção da Juventude Republicana. Vá vendo, D. Dorothea, vá vendo!

Pois ante-hontem Julio Graccho Rodrigues sahio de capa e batina com uma especie de mona vermelha, cabelleira revolta, ar de-

cido. Tive a impressão, ao vel-o, de que o menino levava a sua fígada. Não me enganava.

Meia hora depois, a mãe de Graccho, em cocoras a meio da escada, ajustando umas postas de safio, contava ás outras visinhas que o menino fóra para uma reunião em que elle e outros collegas iam acabar com esta patifaria do Juizo de Instrucção Criminal.

\*\*\*

Tinha muito mais a dizer-lhe sobre o assumpto, D. Dorothea. Mas um acontecimento imprevisto impossibilita-me de continuar.

Imagine que me vieram agora mesmo dizer, que os sabios descobriram vir a caminho da terra, com a velocidade de cento e cincoenta e nove mil kilometros á hora, o cometa de Halley, cuja cauda deve roçar o nosso planeta a 18 de maio, se Deus quizer. Ora a cauda d'essa bisarma celeste é de gazes — parece que cyanogenio e outras coisas de botica — os quaes, se se misturarem com o ar que respiramos, produzirão acido cyanhidrico, que é assim como quem diz, acido prussico.

Nesta apertadissima hypothese morreremos todos envenenados. Todos. Os que atiram batatas, os que as apanham na cara, v. ex.<sup>a</sup>, eu, Julio Graccho Rodrigues . . . Prevendo um fim tão proximo e tão geral e em obediencia aos preceitos que v. ex.<sup>a</sup> tão bem conhece como eu, deixemos em paz o proximo e perdôemos o mal que d'elle nos veiu.

Preparemo-nos para morrer, D. Dorothea. Mas até lá, por sim por não, v. ex.<sup>a</sup> não caia em sahir antes de quarta-feira de cinzas. Se não, arrisca-se a ficar sem olhos e a não vêr o fim de tudo isto.

De v. ex.<sup>a</sup>

Alt.<sup>o</sup> V.<sup>o</sup> Cr.<sup>o</sup> grato

CAMARA LIMA.

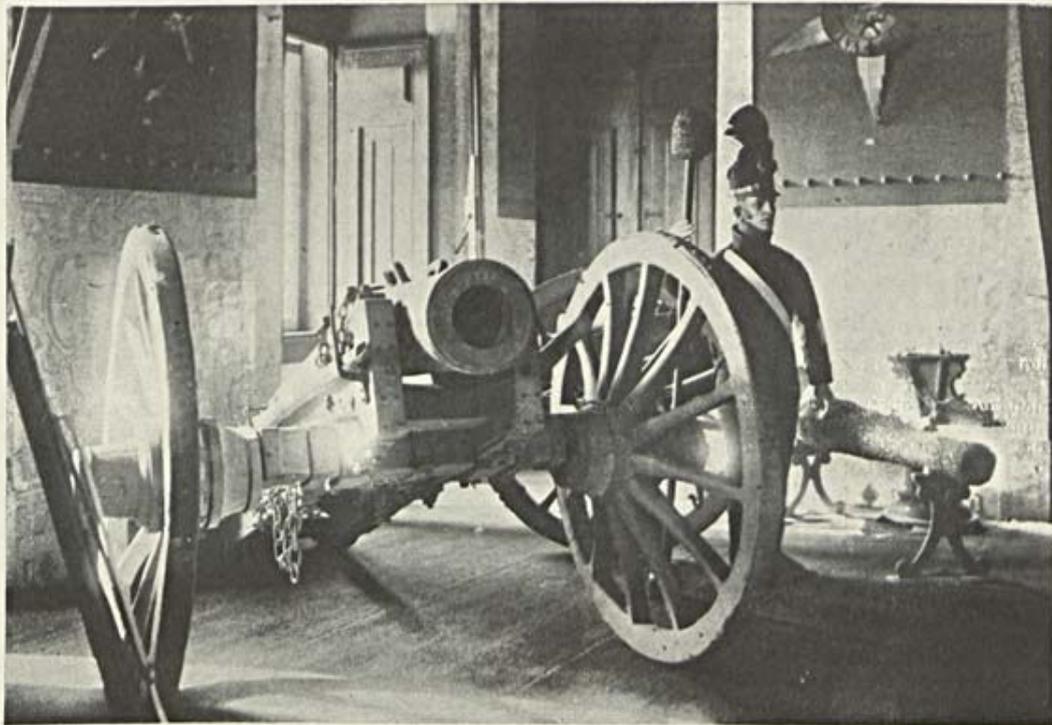
## Centenario da Guerra Peninsular



EXPOSIÇÃO HISTÓRICA COMMEMORATIVA NO MUSEU DE ARTILHARIA — Um aspecto da Exposição, vendo-se ao fundo as bandeiras de varios regimentos portuguezes que andaram nas campanhas da peninsula

Com um patriotismo digno de todo o elogio, a commissão official do centenario da Guerra Peninsular, de que é presidente o sr. general Rodrigues da Costa, va cumprindo rigorosamente o programma da commemoração que em tempo aqui publicámos.

Na passada quinzena foram inauguradas a exposição bibliographica e a exposição historica, a primeira na Bibliotheca Nacional de Lisboa e a segunda no Museu de Artilharia, na grande sala destinada ás sessões plenas do Supremo Conselho da Defeza Nacional. São d'esta ultima, que se conservará aberta durante sessenta dias, os interessantissimos clichés que publicamos e pelos quaes se vê que ha alli muito que admirar entre tantas cousas que nos recordam paginas historicas das mais brilhantes, escriptas pelo exercito portuguez.



**Centenario da Guerra Peninsular.** — EXPOSIÇÃO HISTÓRICA COMMEMORATIVA NO MUSEU DE ARTILHARIA — *Manequim com o fardamento de soldado de artilharia n.º 3 do tempo da Guerra Peninsular. Ao lado esquerdo a peça de ferro que armou o forte junto à foz do rio Maceira, próximo do Vimeiro, para proteger o desembarque de uma brigada inglesa em agosto de 1808. No lado direito um obuz tomado ao exercito francez*

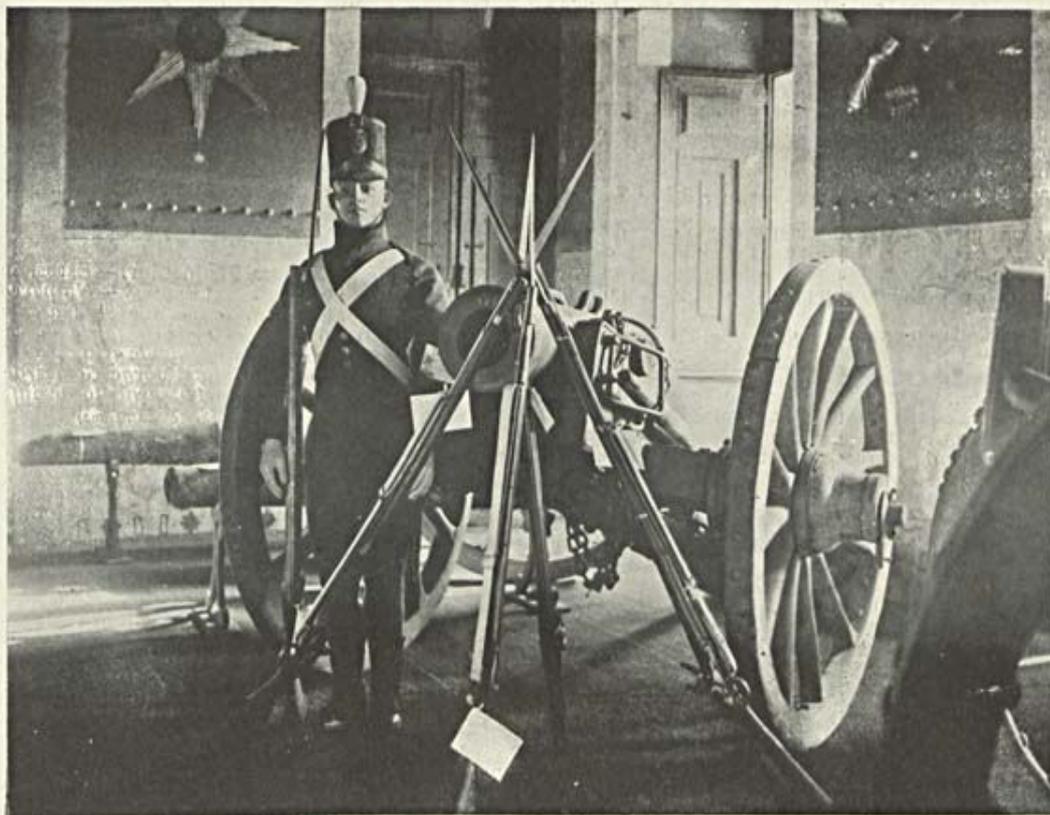
## Palavras duras

Vamos atirar algumas á *Caridade*.  
Soceguem os leitores piedosos, que o rude estylete da minha critica não vae arrancar uma penna ou fazer uma incisão no per-

fil alado de uma virtude divina; mas, assim como se inventaram os *anjos papudos*, tambem se manufacturaram caridades falsas — monos doirados com dominós deslumbrantes a imitarem cherubins de tunicas celestes.

A arte tem falsificado tanto anjo, sobretudo anjos da caridade, que nem sei por onde estreiar o estylete.

Para uns, a Caridade é uma fada opulenta, um anjo millionario e festeiro que vive em paços mythologicos, d'onde sahe calçada de



**Centenario da Guerra Peninsular.** — EXPOSIÇÃO HISTÓRICA COMMEMORATIVA NO MUSEU DE ARTILHARIA — *Manequim com o fardamento de soldado de infantaria n.º 9 do tempo da Guerra Peninsular, um obuz, quatro espingardas e as respectivas bayonetas, tudo da mesma época*  
(Colecção de A. C. Lima)

oiro, vestida de rendas esmaltadas de pedras caras, tendo na fronte um crescente de brilhantes a allumiara a sua via-lactea de bem-fazer. Assim, a caridade não é uma virtude theologal; mais parece uma princeza mourisca, luxuosa e galante, para quem os necessitados precisam de uma carta de recommendação.

Ai minha linda princeza, se eu mandasse, havias de soffrer e chorar muito: palacio, botinas de oiro, *toilettes* ricas e crescentes seria tudo vendido em hasta publica!

Nunca roubei uma palha, mas se tal princeza me subisse um dia a escada, ficaria pobresinha como Job.

Jesus creou a Caridade desataviada e pura, dando-lhe o vestido eterno dos anjos, e assim viveu alguns seculos até que os homens a transformaram.

Ella era um anjo, e a moda prendeu-lhe as fórmas n'um vestido de rainha e atou-lhe as azas n'um espartilho francez. Podem os adoradores da belleza natural protestar em nome da esthetica, mas ninguém póde duvidar que a caridade se civilisasse.

Hoje é uma figura mundana que promove festas retumbantes com morteiros e galhardetes, não se esquecendo nunca de mandar distribuir pelos mendigos as sobras da despeza.

No fim do banquete, á luz faiscante dos crystaes onde se reflectem olhares incendiados, tudo se anima, o champagne crepita, os brindes estrugem, e os collares de brilhantes que rutilavam nos collos pintados, as insignias de oiro lavrado que scintillavam nos peitos dos *senhores* lá se vão, sem que a Caridade tenha a coragem de lhes pedir ou tirar essas joias.

A Caridade pedir-lhes-hia um braço, uma perna, uma parte do corpo; mas despojal-os d'essas joias, das insignias, das commendas, era amputar-lhes um pedaço da alma — era tornal-os incompletos.

Aquellas insignias são a melhor parte d'elles, constituem o seu valor, a sua personalidade. Se lh'as tirassem, desvalorisavam-nos, subtrahiam-lhe a superioridade, expondo-os a que o primeiro policia os prendesse como suspeitos, ou que o primeiro revoltado lhes desse um pontapé.

Oh! Como eu vos escarneço, phantasmas de tunicas caídas! . . . Mas talvez que elles tenham razão? Para que havia de a Caridade pedir-lhes as suas joias?

Não é ella rica, infinitamente rica?

Não ha duvida; mas a sociedade christã actual obriga a a grandes despesas de representação.

A esmola é hoje um luxo do espirito como o baile é um luxo do corpo. Não se vae a um baile com uma *toilette* antiga, como tambem a Caridade não sobe um quinto andar, a levar os quinhentos réis da esmola, sem levar uma *toilette* de cem mil réis.

Objectar-me-hão que a Caridade, tendo o seu culto com sacerdotes e sacerdotisas, não dispensa uma lithurgia magnificente, e que estes cem mil réis representam tambem uma esmola, pois que Jesus, ordenando a caridade pelos mais proximos, não affirmou que as modistas, joalheiros e alfaiates fossem pessoas affastadas. . .

A objecção é de uma força irreprehensivel! Convence-me e até a reforço: a Caridade, modestamente vestida, induzia á suspeição e azedava o pão da esmola. Quanto menos gastasse em despesas de representação, maiores e mais numerosas seriam as esmolas, e os pobres honrados, ingenuos, quando comessem o pão abundantissimo que a Caridade lhes deixasse em casa, haviam de perguntar á sua consciencia:

Quem me diz que este pão é d'Ella? Se roubaria? Se mataria?

As mesmas perguntas suggeridas por um homem de farpella modesta com generosidades de nababo. Assim, a Caridade, se não rasgasse sedas pelas silvas da miseria, ou se munia com bilhete de identidade, ou corria o perigo de passar muitos dias presa para averiguações n'um calabouço da policia civil.

Pobre Caridade! Como os homens lhe falsificam as formas e o espirito!

Outr'ora bastava que Jesus se apresentasse em casa do phariseu, para o vér cahir de joelhos. Hoje poucos a conhecem, e os monos que por ahí a symbolisam, longe de attrahirem pelo sentimento, apenas de quando em quando conquistam o applauso do estomago.

Pobre Caridade, caíada de exterioridades, illaqueada de sophismas!

Querem vér um caso?

No passeio da tarde, um mendigo approxima-se-me, e generosamente, sem reflectir, metto a mão na aligeira. A mão palpita de regosijo; mas ao sentir a temperatura do cobre, como se este metal fosse um isolador da corrente affectiva, esfria. Foi a razão que sendo uma finoria governante do estomago, gritou á consciencia:

"Então, sua vaidosa, quer dar esmola em publico?"

A consciencia, nos primeiros tempos, como uma creança apanhada em flagrante delicto de commetter um furto, recolhe se e soffre um pesar momentaneo. Depois, vem o remorso, por fim, o callo; ora o callo da consciencia é teimoso e reincidente como o callo do pé.

Oh! se o callo da consciencia alheia pudesse pisar se como o callo do proximo, que viagem triumphal eu gostaria de fazer no mundo para ouvir gritar a consciencia universal!

Subir aos thronos diamantinos dos reis, dos soberanos calçados de pedrarias, abastados de riquezas, mal podendo trovejar as palavras generosas que dirigem aos *seus* povos, e cortar-lhes a voz pisando-lhes a consciencia!

Fazer-lhes ver a estrella. . . dos Magos, caridosa e bemdita.

Depois de entrar ruidosamente, escandalosamente, nas modernas synagogas onde alguns padres — os novos phariseus — cobertos de oiro e fausto, irisados de brilhantes e saphiras, pregam a penitencia e a caridade, e pisar-lhes os callos da consciencia, obrigando-os a olhar as esferas celestes onde vivem João Baptista

que tinha por unico adorno, a envolver-lhe os rins, a pelle de um cordeiro judaico, e Jesus, o Mestre, que prégava a grandeza immorttal enroupado n'uma tunica de linho claro, colhido na horta de Sua Mãe. . .

Invadir as casas dos capitalistas, dos argentarios, dos omnipotentes, dos ricos usurarios, de todos aquelles que possuindo mais de uma tunica tivessem um irmão sem tunica, e calcar-lhes as consciencias obrigando-os a gritar para que os humildes os conhecessem bem. . .

Estou d'aqui ouvindo uns labios cynicos, doridos, a fecharem-se me desdenhosos:

— Mas essa viagem não teria um objectivo util; mais parece um impeto de cavallo? Nada respondo. O meu cynico antagonista acalma-se, e ouço-o murmurar de labios sentenciosos:

"Quem tem callos não pode fazer grandes viagens, e nem mesmo Frei Thomaz que não tinha respeito humanos se atreveria a pisar a consciencia do proximo. . ."

— Frei Thomaz era um insigne ratão, luzidio, bem tratado, e o



Centenario da Guerra Peninsular. — Exposição historica commemorativa no Museu de Artilharia — Na parede a bandeira do regimento de infantaria n.º 11. Na sala veem-se tres manequins tendo o primeiro a farda de capitão mór de ordenanças, o do meio a farda de grande uniforme que pertenceu ao general Manuel Jorge Gomes de Sepulveda e o do fundo a farda do 1.º sargento de infantaria n.º 13 (Cliché de A. C. Lima)

meu cynico antagonista que deve tel-o acompanhado nas digestões, não pode confundil-o com o meu perfil esguio, vestido de panno barato. A ultima vez que vi Frei Thomaz, tinha já a forma espherica. Coitado! Que morte a d'elle! Pobre homem!

— Pobre homem! repete comigo de lagrimas nos olhos o meu cynico antagonista.

— Então eram amigos? Conheciam-se?

— Quasi irmãos. . .

— Ah! . . . Pois meu caro, se Frei Thomaz fosse vivo, não lhe pisava a consciencia, que a não tinha, pisava-lhe a barriga. . .

Padre ALVARES D'ALMEIDA.

— Deitaste a carta no correio?

— Deitei, sim, senhor.

— Mas como trazes ahí os 25 réis?

— Falle baixo, senhor. . . Deitei-a sem ninguém vér.

## Visconde de Riba Tua

Nas paginas d'esta Revista merece uma referencia especial o visconde de Riba Tua, um dos homens que mais tem sabido enaltecer e honrar o nome do seu paiz no estrangeiro. Antonio Lopes Agrelo, que nasceu em S. Mamede de Riba Tua, partiu ha longos annos para a Argentina. Levava comsigo a sua mocidade



Visconde de Riba Tua

e um grande braçado de aspirações. Dotado de muita energia, resolveu ser homem pelo trabalho e pela tenacidade, que tudo vence.

E venceu depois de mais de trinta annos de luctas tremendas e de tremendos solavancos.

A sua vida industrial começou ahi por volta de 1877, anno em que fundou a fabrica de saccaria, que mais tarde se converteu na sociedade anonyma *A Primitiva*, a mais importante do paiz. Como fosse por demais limitado este campo de acção para a sua actividade febril, dedicou-se á agricultura em larga escala, e iniciou a colonisação de vastos territorios em Santa Fé, onde hoje ha colonias florescentes, algumas das quaes lhe pertencem. Mais tarde fundou em Santiago del Estero a colonia Dora, que é um modelo pelos modernos processos de plantaçao adoptados e pelas obras collosaes de irrigação por elle introduzidas. Fundou a companhia de seguros *La Republica*, e é presidente da *Sociedade de minas Matto Grosso* e da do *Porto de S. Nicolau*.

E' um modesto. Possuidor de uma grande fortuna, e agraciado com um titulo que não o envaidece, reside em Buenos Ayres, onde mantem a sua primitiva simplicidade.

Um dia pediram-lhe que fosse vice-consul de Portugal e elle accitou o encargo para prestar serviços a todos os compatriotas. Depois foi encarregado de negocios, nas ausencias do nosso repre-

sentante, e todos sabem como elle se desempenhou d'essa missao, que lhe mereceu as sympathias do governo argentino e os louvores do governo portuguez. Foi por essa epoca que o rei D. Carlos o agraciou com o titulo de visconde de Riba Tua.

Tal é, a traços rapidos o homem, cujo retrato inserimos, e que só de longe em longe volta a Portugal a matar saudades e a abraçar alguns raros parentes que ainda lhe restam e entre os quaes se conta o sr. conselheiro Teixeira de Souza.

## CANTIGAS

A D. Branca de Gonta Collaço

Quem canta, o seu mal espanta,  
Quem chora o seu mal augmenta.  
Eu canto para afastar  
Uma dôr que me atormenta.

(POPULAR).

Quem conta o seu mal desconta  
A negra dor que adormece:  
Minhas dores não tem conta  
Que o mal d'amor permanece.

Não contava amar assim,  
Nem contava soffrer tanto;  
Vejo que se ri de mim  
E não quebro o meu encanto.

Ai contas por onde reza  
Por onde os dedos perpassa,  
Contai por que me despreza!  
Contai-lhe a minha desgraça!

O rosario d'amarguras  
Tem a cruz do meu pezar;  
Contas de lagrimas puras  
Por onde eu rezo a chorar!

Se eu contar por que assim canto  
A' alma mais sêcca e dura,  
Seus olhos hão de ter pranto  
Com pena da desventura.

A ella só minhas magoas,  
Meu amor posso contar;  
E' como chorar nas aguas  
Frias e fundas do mar.

Se soubesse que cantando  
Esquecia o que padeço,  
Cantaria até chorandô,  
Mas chorando... não a esqueço.

Quem se esquece, já lembrou;  
Quem lembrou, já padeceu;  
Quem padeceu, já sonhou;  
Quem amou, sonhou, soffreu!

Se ella me esquecesse um dia,  
E' que já me tinha amado,  
Esquecido, mais valia  
Do que nunca ser lembrado.

A gente ama sem querer;  
Querer esquecer, não alcança.  
Pode amar-se até morrer,  
E morrer sem uma esperança.

27-3-900.

J. de Oliveira Simões.



Buenos Aires. — Vista parcial

## A cidade de Santos

**A** importante cidade de Santos (Brasil) da qual hoje publicamos alguns aspectos, foi fundada pelo capitão portuguez Braz Cubas, cuja vida foi na sua quasi totalidade consagrada ao Brasil, onde afinal veio a morrer, com perto de cem annos, na cidade que fundára e que tanto amou.



Monumento a Braz Cubas, o fundador da cidade

Foi ahí pelo anno de 1536 que Braz Cubas partiu para o Brasil a tomar conta das terras de Gyrybatiba, na capitania de S. Vicente.

Tendo observado as condições vantajosas do porto que se divisava a E. N. E. da ilha de S. Vicente, resolveu estabelecer alli uma povoação, começando logo a mandar edificar casas e a attrahir colonos.

Foi progredindo a sua obra e em 1543 Braz Cubas fundou o primeiro hospital que houve no Brasil, dando-lhe o nome de *Hospital de Santos* em memoria do que existia em Lisboa com a mesma designação. Em consequencia d'isto, a povoação que até então se cha-

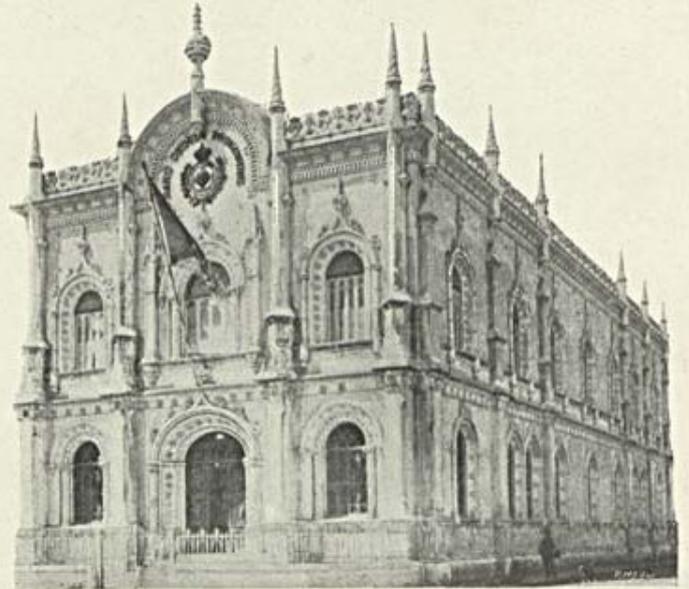
mara simplesmente Porto, passou a chamar-se Porto de Santos e mais tarde apenas Santos.

Em 1545 foi elevada á cathogoria de villa, sendo-lhe dado foral em 8 de Fevereiro de 1552, e em 1557 foi doada aos religiosos de Nossa Senhora do Carmo para n'ella edificarem o seu convento.

Braz Cubas falleceu em 1592 e foi sepultado na capella-mór da igreja matriz de Santos, sendo-lhe posto na sepultura o seguinte epitaphio:

“Sepultura do Braz Cubas, cavalleiro fidalgo da casa d'el-rei. Fundou e fez esta villa, sendo capitão, e Casa de Misericordia anno de 1543, descobriu ouro e metaes anno de 60, fez fortaleza por mandado d'el-rei D. João III. Falleceu no anno de 1592.”

A cidade de Santos pagou, ha pouco mais de dois annos, a sua divida de gratidão para com este portuguez illustre, elevando-lhe um monumento n'uma das suas praças publicas.



Santos. — Real Centro Portuguez

Santos é hoje um magnifico porto de mar, frequentado diariamente por muitos vapores nacionaes e estrangeiros.

Possue uma bella alfandega, theatro, duas linhas de bonds, hospitaes da Misericordia e de Beneficencia Portugueza, estações de caminho de ferro e varias igrejas, capellas e conventos.

## O ultimo romantico

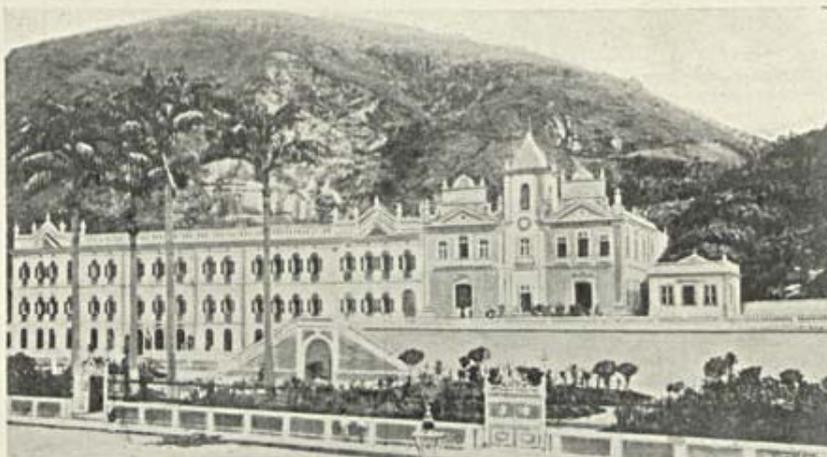
**F**oi no Hotel Central — n'esse Hotel Central — tão meu conhecido já, dos romances do grande Eça — que eu conheci Bulhão Pato, o velho poeta portuguez.

Joaquim Fernandes, medico distincto que vae fazendo em Africa um lindo nome e uma bella fortuna, grande amigo do grande homem e meu amigo tambem de noitadas inolvidaveis de bella prosa e alguma esturdia, propuzera-se a approximar-me de Bulhão Pato, dando ao meu espirito esse regalo que tambem o ficou sendo para o meu coração.

Fôra marcado para o meio dia o almoço e quando ás 11 e 50 cheguei ao Central com Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro já lá estava o poeta.

Impressionante o seu typo. Pequenininho, magro, a barba branca, longa e bem tratada a cahir-lhe sobre o peito, a cabelleira alva a descer sobre a golla do casaco, Bulhão Pato lembra um pouco retratos de Tolstoi, sem comtudo ter do celebre russo a descurada indiferença por si mesmo, o abandono, o quasi desleixo que foi em outras eras o “chic, dos philosophos.

Nada d'isso. O grande romantico trata de si, com apuro e carinho. A sua roupa, sem ter o corte exagerado da ultima moda, é boa e distincta. N'ella não ha a suspeita de uma nodoa, a sombra de um pó.



Santos. — A Santa Casa da Misericordia



Santos. — Praça Maua

O corpo tem aprumo e vigor e a barba bsta e crescida não é a de um patriarcha bonacheirão e pacato, mas de um "lord", fino e elegante. Os dedos afilados, muito magros, onde veias correm, grossas como cordões azues, terminam por unhas cortadas em amendoa e bem tratadas. As botas grossas reluzem e, na cabeça o chapéo molle tem a aba muito larga rebatida para um lado, para o outro descahida com uma certa arrogancia, a lembrar o feltro de Cyrano.

Os olhos de um azul que deve ter sido turqueza e agora já desmaiam teem ainda um singular fulgor e ao moverem-se parece que illuminam todo o rosto magro e toda a barba sedosa.

Acolheu-me com um abraço e com uma phrase amavel, mas cerimoniosa.

Sabia já do meu humilde nome, affirmou, pelos "papeis, que assim chama elle aos jornaes e pelo bem que, bondosamente, de mim lhe haviam dito o excellente Fernandes e o João Barreira, o brilhante escriptor, e o seu mais intimo amigo.

O Barreira interveiu, pondo-o á vontade, cortando ao dialogo que encetaramos o tom de cerimonia em que ia correndo, obrigando-me a contar uma anecdota brasileira. Bulhão Pato pella se por boas anecdotas e sabe-as como ninguem, pois ninguem viveu como elle 80 annos sempre em evidencia, em intimidade com tudo quanto, em quasi um seculo, tem Portugal produzido de illustre e de notavel. Achou graça ao conto e logo m'o pagou com dois ou tres deliciosos, e deliciosamente ditos no seu modo de exprimir tão pittoresco á força de rebuscado e litterario na sua voz incomparavel.

Ah! a voz de Bulhão Pato! Não me recordo de ter ouvido outra igual. Cheia, redonda, sonora, capaz das mais fortes retumbancias quando quer traduzir força; ameigando-se quasi em um gorgeio, se quer commover; aspera para significar desprezo; sibilante para a ironia e sempre e sempre mais forte do que o peito fraco de onde sae, essa voz é surpreendente.

Empolga e convence e sem o brilho macio do olhar devia aterrar por vezes. Ouvil-a, encanta sempre.

Dir-se-ia que para a fazer reuniram-se cantos de aves canoras e rugidos de leões terriveis, casando, amalgamando essas duas expressões tão dispaes.

Compreende-se então qual tenha sido a suggestão d'essa voz,



Santos. — A «Sala das Pedras» no Guarujá

quando, ha sessenta annos passados, começava a declamar os seus primeiros versos, de um lyrismo tão ao sabor d'essa época romantica.

Bulhão Pato era então um bello e guapo mancebo. Aquelles olhos azues deviam fulgurar doidamente. Os cabelos brancos de hoje eram uma densa cabelleira loura. Em vez do aburguezado casaco da nossa época chatissima, usava-se a casaca de larga frente e botões de ouro.

O collete era bordado a seda e a gravata dava tres voltas ao pescoço.

Foi n'esse tempo que elle começou a triumphar. Fazia lindos versos, montava cavallos fogosos, tocava guitarra como um fadista e em touradas de amadores — mas que amadores! — passava á capa cornupetos ferozes.

Herculano, o grande Herculano — em quem elle não fala sem uma tremura de commoção na voz e um enternecido bater de palpebras — acolhia-o e prezava-o. Que mais era preciso para ser um vencedor? O amor das lindas raparigas? Mas essas deliravam por elle.

Foi o senhor de Lisboa, o moço poeta. Os seus versos eram tão sabidos como a cor das suas casacas e as proezas do seu sangue moço. E os annos passaram, passaram, sem que elle dêsse por tal, sempre victoriosos.

A' sua volta, as cousas, os feitos, as idéas, mudaram. Elle não mudou. O romantismo morreu. Elle ficou romantico.

Quando um dia reparou que os do seu tempo já haviam desertado a vida, que Lisboa já não era a sua Lisboa, deixou-a atravessando o Tejo, lá se foi para o outro lado, a viver na tranquilla Ca-



Santos. — Vista geral do Guarujá

parica, a contemplar apenas o que como elle era firme e não mudara: o azul do céu, o azul do rio e o esplendor da natureza.

Amigos procuravam-n'o e procuravam-n'o, não já os do seu tempo, da sua roda, mas novos e nem por isso menos cheios de admiración e de sinceridade.

A esses conta cousas de outr'ora, as cousas intimas que não pode encaixar nas memorias que escreve.

Já não é então aquella agitada existencia de mais de meio seculo, mas ainda assim um delicioso viver que elle só faz por prolongar.

Para gloria d'estes annos ultimos e de outros muitos que ainda venham, basta-lhe, sobeja-lhe a homenagem que ha pouco lhe prestaram os plunitivos portuguezes, indo busca-lo ao seu retiro para collocar o á frente de um protesto unanime ao governo da sua patria.

Foi no ultimo anno do reinado de D. Carlos, quando João Franco fizera promulgar a lei de imprensa.

N'esse dia, ao atravessar Lisboa, seguido por todos os jornalistas e uma compacta multidão, Bulhão Pato teve uma verdadeira apothese, cujo brilho ainda hoje os seus olhos revêm desvanecidos.

Para mais, Columbano está a acabar o seu retrato, que é incontestavelmente a obra prima d'esse pintor extraordinario. Olhando essa téla, Bulhão Pato tem estremeções de goso, sensações estranhas de ventura e de orgulho, e, commovido, a voz quebrada, no seu tom macio de emoção profunda, exclama, a rir por lagrimas:

— Agora posso morrer, porque fico vivo e immortal n'este retrato.

E a quantos amigos fala, repete essa phrase. A mim, tambem, m'a disse, ao fim d'esse almoço encantador, inesquecivel.

## Em favor das victimas das inundações



BANDO PRECATORIO PROMOVIDO PELOS BOMBEIROS DE LISBOA  
Os srs. Gomes da Costa, commandante dos bombeiros, Protes  
da Fonseca e Anselmo Bramcamp Freire

Foi ella, essa palavra *morrer* que me chamou á realidade.

Durante todo o tempo em que estiveramos á mesa, enquanto me embalara a musica da voz d'esse velho, sem igual, eu estivera a sonhar.

Revia n'essa curta hora toda a vida do poeta, tal como a sei, vagamente, tal como a imagino, quasi seguramente.

Toda ella me apparecera aos olhos do espirito e eu ainda a via estender-se, serena e brilhante, pelo futuro afóra, um longinquo futuro a que não sei se chegará ou chegará a minha.

Aquelle dizer então: "Posso morrer, . . . abalou-me.

Morrer! Pois será possível que venha um dia a morrer esse homem assombroso!

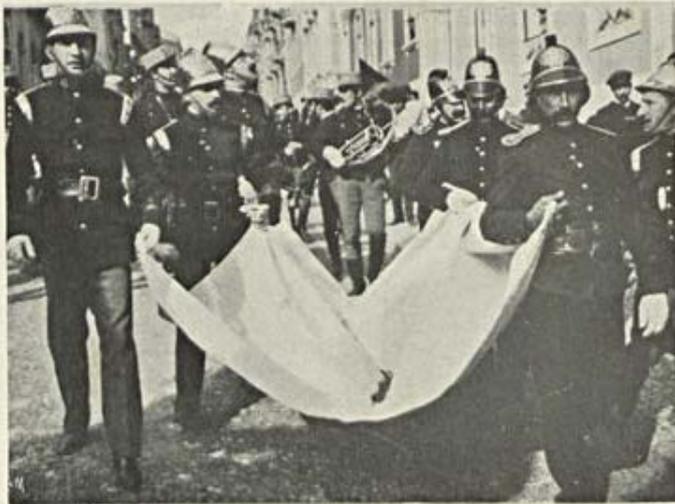
Pois será possível que venha a perecer esse velhinho, que parece mais forte e o é, com certeza, do que nós moços de hoje!

Não, o ultimo romantico, o velho poeta, o redivivo, não deve morrer. Seria uma injustiça tremenda, por tudo e, principalmente, porque Buião Pato nos seus oitenta annos ama vida como quem mais a ame aos vinte.

No seu fallar, no seu cantar, não ha uma queixa, não ha um vislumbre de desanimo.

Se é riço o seu corpo, muito mais o são o seu espirito e o seu coração. Os seus olhos, que vêm scenas e vultos envoltos em um tom roxo de saudade — são azues sempre azues para ver o presente e imaginar o futuro.

Nos seus labios, os fios de prata não dão sombra, antes rebrilham para que melhor se veja o sorriso que



Em favor das victimas das inundações

BANDO PRECATORIO PROMOVIDO PELOS BOMBEIROS DE LISBOA  
Os bombeiros angariando donativos

(Cliché de A. C. Lima).

alli mora, sorriso franco e sincero de jubilo eterno e eterna alegria.

E todo o seu aprumo, todo o seu vigor, todo o cuidado pela sua pessoa, toda a intransigencia no seu modo de ser, de agir, de fallar, de viver, provam de sobejo quanto tem direito á vida que tanto adora e respeita o dono d'esses oitenta annos mais verdes e viçosos do que a maioria dos trinta annos de hoje, cheios de desalento e de tristeza, vasillos de interesse e de ardor, roídos pelo tedio, miçados pelo spleen .

Que a morte, pois, se contente com esses que parece, vivem a chamal a com os seus suspiros fundos, os seus ais tristonhos, os seus olhares dolorosos e vagos, e deixe de pé, sereno e firme, o esteo derradeiro do romantismo talvez não só em Portugal, mas em toda a raça latina. . .

BAPTISTA COELHO.

## Historia da barba

Os orientaes usaram sempre a barba comprida. Os romanos só começaram a fazer a barba dois seculos antes de J. C., mas desde essa época esta moda tornou-se obrigatoria e só se deixava crescer a barba durante o luto.

Os francos, para se distiguirem dos romanos, usavam a barba toda. No reinado dos reis *fainéants*, tornou-se curta e entrelaçada



(Cliché de J. Benolle). Em favor das victimas das inundações

BANDO PRECATORIO PROMOVIDO PELOS BOMBEIROS DE LISBOA  
O carro dos bombeiros ao passar na rua da Praça da Figueira

com fitinhas de ouro. Carlos Magno fez uma mudança notavel. As faces eram barbeadas e o labio superior coberto d'um comprido bigode que se prolongava de cada lado do queixo, descendo algumas vezes até sobre o peito. O juramento do imperador era: "Juro por S. Diniz e por esta barba que me pende do queixo."

Os padres latinos adoptaram tambem esta moda pela mesma época, com grande escandalo para os padres gregos, que se barbeavam completamente.

Entre as causas que decidiram Phocio, patriarcha de Constantinopla, a excommungar em 858 o papa Nicolau, encontra-se o comprimento das barbas dos padres latinos. cumprimento contrario á santidade do sacerdocio. Muitos concilios se occuparam d'esta grave questão, questão que foi definitivamente resolvida no XI seculo, pela interdição da barba.

Desde que o clero foi barbeado, não cessou elle de prégar contra a barba, e pelo XII seculo, os reis deram o exemplo, tendo ella que desaparecer.

Filippe de Valois quiz voltar aos antigos usos, mas não foi imitado, e até ao XVI seculo, a barba foi inexoravelmente cortada, pois a corporação muito numerosa dos barbeiros achava interesse n'este uso.

Em 1521, Francisco I, tendo sido ferido na cabeça, foi obrigado a cortar o cabelo que elle usava muito comprido. Vendo-se com a cabeça barbeada e com a cara sem barba, teve medo de se parecer com um frade, e por isso deixou crescer esta, usando-a bastante curta e cortada em bico.

Todos os cortezaões se apressaram a imitar o rei, e a barba comprida ficou em moda, apesar do clero e dos magistrados.

Um escripto da Sorbonne declarou a barba com effeito insolente e adorno indigno d'um doutor. No reinado de Carlos IX e Henrique III, foi tratada com particular esmero; era perfumada, pintada,



Conselheiro Antonio Teixeira de Sousa  
Chefe do partido regenerador



Conselheiro Arthur de Campos Henriques  
Chefe do partido regenerador-conservador

*Dos dois mais fortes grupos em que se dividiu o grande partido de Fontes e de Hintze foram no mesmo dia eleitos chefes duas das suas figuras proeminentes: Campos Henriques e Teixeira de Souza. A orientação politica dos dias que succederam ao do regicídio fragmentou os partidos e separou os homens. E contudo nunca foi mais necessaria a união, nunca a conciliação foi mais precisa do que neste agitado periodo da vida nacional. Já, porém, o dizia Fontes, «as coisas são o que são», e é descabida toda a philosophia que vá contra este principio, simples como uma axioma e eterno como a verdade. E, porque assim é, aqui estamos nós a publicar nesta mesma pagina os retratos de dois homens que hontem foram companheiros e amigos, e, dizendo-se ambos continuadores de Hintze, são hoje entre si adversarios politicos. Isso, porém, não nos impede de os saudarmos e de fazermos votos para que os inspire acima de tudo o bem da patria e para que, quando qualquer d'elles tenha de presidir aos seus destinos, se lembre antes de mais nada, que ella deve pairar, veneranda e immaculada, acima de personalidades, de partidos e de conflictos.*

polvilhada d'ouro e prata e mettida todas as noites n'um estojo ou sacco chamado o *bigotelle*. O amor pela antiguidade chamou muitos sabios ao culto da barba, e viu-se até um papa, Julio II, deixar crescer a sua barba a fim de imitar n'isso os antigos, como eram imitados na arte e na litteratura.

Com Henrique IV, a barba desapareceu. Richelieu e Mazarin conservaram sómente o bigode e a mosca. Usou-se por consequente a mosca e o bigode.

No reinado de Luiz XVI, este simples ornato foi supprimido. O uso immoderado do tabaco fazia d'esta suppressão uma lei de açoit

e só se viu a barba nos calvinistas do Cévenny, a qual era comprida.

O pó, que se adoptou no reinado de Luiz XIV, impediu por muito tempo que a barba tornasse a estar na moda; só alguns philosophos é que não se barbeavam.

Pela Revolução a barba, bigode e as suissas tiveram completa liberdade; contudo o uso não foi geral.

Durante o imperio e a Restauração, barbeavam-se completamente, e foi sómente em 1827 que o bigode appareceu, fazendo a sua apparição grande bulha. Houve quasi um tumulto n'um theatro,

## No regimento de Lanceiros N.º 2



O esquadrão dos cadetes

*A nossa gravura representa o esquadrão de cadetes organizado no regimento de Lanceiros N.º 2 por iniciativa do actual coronel, sr. Alfredo de Albuquerque. O illustre official quiz assim desenvolver entre os cadetes do seu regimento o verdadeiro espirito militar e tornar ainda mais pratica uma determinação do sr. Vasconcellos Porto, quando ministro da guerra, ordenando que os estudantes militares de todas as escolas superiores tivessem exercicios nos respectivos regimentos nos primeiros e terceiros domingos de cada vez. O esquadrão conta 180 cadetes os quaes estão já aptos para tomar parte na primeira formatura em que o regimento apparecer.*

em que um actor comico se lembrou de criticar esta moda. A febre da idade média que se apossou de toda a gente em 1830, poz a barba espessa em todo o furor. Tornavam-se cabelludos e barbados por um amor invencivel pelo gothico. Depois de se acalmar este furor, a moda tornou-se completamente caprichosa, usando-se a barba como cada um julga que melhor lhe fica.

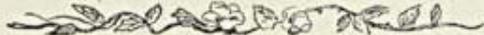


Joaquim Nabuco

*Grande escriptor, grande orador e grande parlamentar, juriconsulto, diplomata, Joaquim Nabuco era uma das figuras primicias do Brasil moderno. Com sessenta annos de vida e mais de quarenta de actividade cerebral prostrou-o ainda ha poucos dias a morte, quando elle occupava em Washington a sua alta missão do ministro do Brasil. O abolicionismo teve nelle o mais culto propagandista e o defensor mais eloquente, e Portugal, n'um momento em que o desvairamento dos espiritos via turvas as acções mais nobres, deveu a Nabuco, ao brilho da sua penna e aos primores do seu character, uma defesa soberana, um pregão eloquentissimo a favor do acto praticado por um dos actuaes directores do Brasil-Portugal o conselheiro Augusto Castilho, dando asylo a bordo da sua corveta aos revoltosos brasileiros.*

*Ao visitar a nossa camara dos deputados teve um dia Nabuco uma honraria excepcional. A convite do grande orador portuguez Antonio Candido, secundado por toda a camara n'uma quente manifestação de sympathia, o grande orador brasileiro tomou assento entre os deputados, dos quaes os mais illustres oradores enaltecera a grandeza do seu espirito.*

*Antes d'isso, n'um banquete do Hotel Bragança, Eça de Queiroz, Ramalho Ortigão, Batalha Reis, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro, Antonio Candido, Jayme Batalha Reis e Carlos Lobo d'Avila, saudaram Joaquim Nabuco e proclamaram-no em palavras eloquentes um dos maiores e dos mais illustres entre os filhos do Brasil intellectual.*



## O veneno da fadiga

Recentes investigações do chimico allemão Weichardt parecem confirmar o que muitos physiologistas haviam sustentado já: que os symptomas da fadiga se devem a um producto toxico da actividade muscular.

Weichardt conseguiu, com effeito, extrahir dos musculos dos animaes mortos n'um estado extremo de cansaço, um producto que exerce sobre o organismo nma acção toxica. Injectada em dose inferior á mortal, esta toxina retarda a respiração e faz descer a temperatura.

Ministrada em doses muito fracas, dá a immundade, e o sôro sanguineo do animal assim immunizado contém uma anti-toxina que dissipa os effeitos da fadiga.

O mesmo sabio descobriu que esta toxina existe igualmente em certas substancias vegetaes, como o opio e o curare, e produz o mesmo effeito physiologico.

A acção dos narcoticos apparece, pois, em determinada medida, como o resultado da introdução nos organismos da toxina da fadiga; provoca uma fadiga artificial e o estado reparador consequente.

# Noivos

Ao lado do Noivo amado,  
cheia de luz e de graça  
como um Lirio immaculado,  
a Noiva passa.

No seu olhar, que é uma aurora,  
uma alegria perpassa...  
Rosa que o Sol enamora,  
a Noiva passa.

Olha-a o Noivo docemente  
no olhar d'ella o seu abraça,  
e toda branca, contente,  
a Noiva passa.

Vão convidados aos pares,  
e enquanto uma ave esvoaça  
batendo as azas nos arcos,  
a Noiva passa.

O Noivo beija-a, e o beijo  
dois corações entrelaça;  
mas branca, num leve adejo,  
a Noiva passa.

E enquanto os olhos, calado,  
um sonho a minh'alma enlaça:  
— ser eu o teu Noivo amado  
e... tu a Noiva que passa.

Lisboa.

Mario Salgueiro.

Um principe indo visitar uma pequena aldeia foi recebido com todas as demonstrações de alegria e respeito. O regedor preparára um discurso de felicitação, e tão depressa ponde, começou a falar com o maior enthusiasmo.

Porém, desgraçadamente, no meio do discurso, ouviu-se zurrar um burro tão fortemente, que não deixava perceber o que se dizia.

— Façam calar esse burro, ordenou o principe, contrariado.

O pobre regedor ficou todo comprometido; interrompeu a sua arenga, e perguntou submisso:

— E' de mim que fala, meu senhor?

— Não, falo do outro burro.



Dr. Mario Monteiro

Rosario de Luz e o seu ultimo trabalho poetico, e sem duvida aquelle em que mais vibra a sua sensibilidade lyrica. E' um poemeto em tercellos de uma correcção parnasiana e de um sentimento requintado e transcendente; que por vezes nivela o poeta de hoje com os que nos seculos xv e xvi melhor sentiram o amor e cantaram a mulher.

Mario Monteiro no seu Rosario de Luz prova mais uma vez triumphalmente que não fazem damno as musas aos doutores e que para as almas formadas como a d'elle a poesia é a suprema belleza e o supremo encanto.

# Sopa de pedra

Está a lembrar-me agora a historia de dois rapazes da tropa, dois pobres moços, dois tristes soldados, que foram aboletados para casa de um grande somitico, em Peniche, por este tempo.

Foi-lhes logo dizendo o homem:

— Ó filhos, vocemecês veem para cá! Ora a idéa! Não lhes posso dar senão agua e lume.

— Agua e que?

— E lume.

— Já não é mau.

— Mas advirto-os desde já, para saberem a tempo com o que podem contar, e não me azoïnarem depois com pedidos...

— Diz bem.

— Tenho razão, ou não tenho?

— Tem, tem razão.

— Cada um dá o que póde.

— Está bem de vêr!

— Não é assim?

— É.

— Pois ahí astá. Agua e lume têm vocês aqui; O mais arranjam-o.

— Sim, senhor!

— Estamos entendidos.

Pozeram agua ao lume.

Depois, disse um para o outro:

— Oh! Rufino, vae buscar a coisa, hein?

— A agua já ferve?

— Não; mas para haver tempo de se lavar.

— Ah! Isso, sim.

E para o dono da casa:

— Com licença?

— Você vae sair?

— É um instante. Faz favor de não fechar a porta.

— Não fechar a porta! Deus nos livre d'isso, a porta quer-se sempre fechada.

— Vou ali buscar uma coisa, e volto já...

D'ali a nada voltou com uma pedra.

— Vá; disse-lhe o outro; lava-a, que a agua já está a ferver... O soldado lavou a pedra, muito bem lavada, em tres aguas, como se faz ao arroz, depois escorreu-a, limpou-a, e mettu-a na panella.

O somitico estava pasmado.

E mais ficou, quando os viu deitarem sal na panella e provarem.

— Que tal está? perguntou um dos aboletados.

— Não está má.

— Não deve estar, porque a pedra parece boa.

— Ah! Isso é ella. De boa qualidade.

— Precisa ferver.

— É o que precisa. E se tivesse uma cabecinha de nabo, umas cenouras, estava obra!

— Homens, lá por isso não seja a duvida! ponderou o dono da casa. Tomem vocês lá duas cenouras, e duas cabeças de nabo, e mesmo tambem a rama se querem...

— Pois venha lá isso.

Metteram os vegetaes para dentro da panella.

— D'ahi a bocado provaram.

— Que tal vae?

— Vae bem. Está mesmo boa. Por mais um nadinha, ficaria optima!

— Que nadinha é? perguntou o avarento.

— Um bocadito de toucinho, ou banha de porco... respondeu um dos soldados.

— Pois tome lá; mas não de dar-me a provar, porque tenho curiosidade de vêr o que sae d'ahi.

— Sae uma sopa só, afinal.

— Mas isso é sopa de pedra?

— É sim senhor. Tambem se faz de seixos. Mas esta é mais gorda.

— É a primeira vez que tal ouço!

— Ha de gostar.

Foi-se o soldado ao toucinho, cortou-lhe um naco, deitou-o no caldo da hortaliça e deixou ferver.

— Cheira, cheira isso já?

— É bem!

Ora! Pois é pitéo. E então em levando um *annexim* que lhe falta, é de uma pessoa lamber o prato...

— O que é que falta?

— Um pedacinho de chouriço ou mesmo linguiça. Isso então fica uma perfeição!

— Homem, disse o somitico, lá por causa de um appendice tão

## ASSUMPTOS HISTORICOS



Carlos Magno em Paderborn

(Quadro de Scheffer existente no museu de Dresde).

facil de achar á mão, não deixe essa extraordinaria comida de chegar a ser o que se diz perfeita...

Juntou-se-lhe o chouriço.

Cozeu, cozeu...

Deitava um cheiro...

— O senhores, que cheiro! disse o unhas de fome.

— Cheira muito bem, meu senhor, e melhor ha de saber, redarguiu um dos aboletados.

E o outro aboletado:

— Está prompta. Está na conta propria. Agora, em querendo, vamos a ella... Isto com pão é melhor ainda, se é possível, mas mesmo sem pão, é boa.

O somitico foi buscar um pão.

— Vamos lá a isso... Estou com vontade de saborear essa historia...

— Esta historia é mais bonita que a da carochinha e com isto

se diz tudo! Ora muito bem... Uma vez partido o pão á mão...

— Sim! ponderou o outro soldado. Isso é de preceito para este caso. Ha de ser por força á mão...

— Sim, sim... pois seja á mão.

— Mas por força!

— Acredito; basta vocês dizerem.

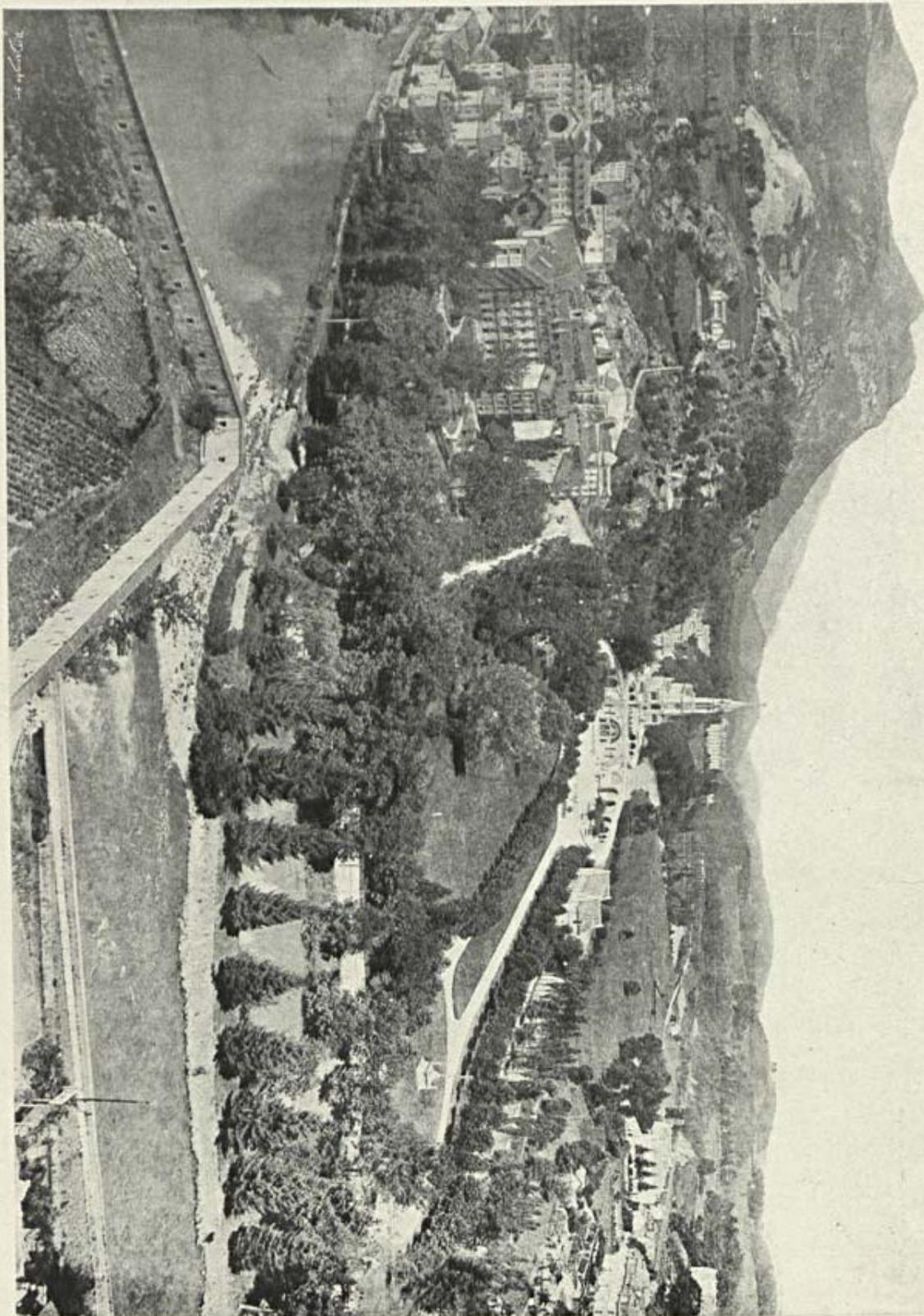
— Agora despeja-se-lhe o caldo em cima, guardando de reserva o pão suficiente para machucar no toucinho, acompanhado com aservas... Que tal? Boa?

— Está optima! exclamou o homem. Está excellente. Vocês são o diabo! Não ha gente como são os soldados, para estas coisas! Como vocês fizeram sopa de um pedregulho, e fica uma delicia por esta maneira! Não se acredita! Parece bruxaria!

— É para vocemecê vêr.

— Cá me fica!...

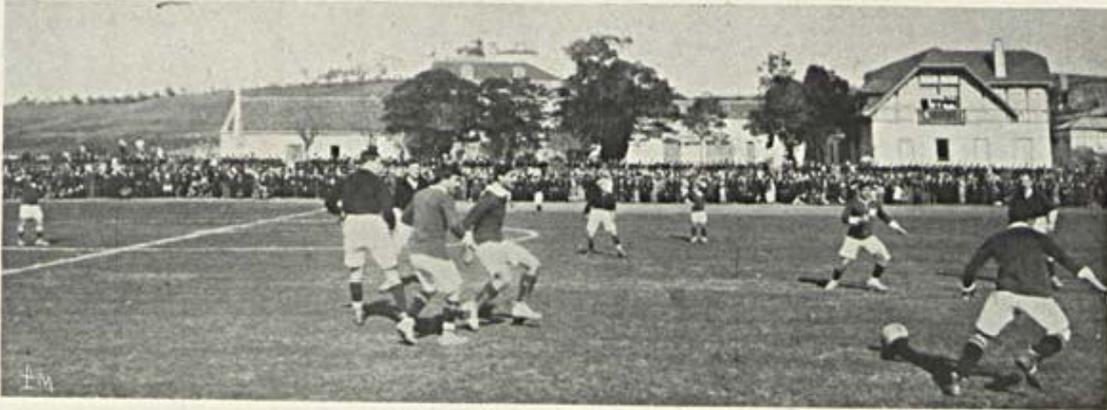
JULIO CEZAR MACHADO.



Lourdes. — Vista do sanctuario e d'uma parte da cidade

## NOTAS DE "SPORT"

"Matches" de foot-ball entre os grupos Sport Lisboa e Benfica (portuguezes) e Carcavellos Club (ingleses)



Uma das phases do combate

A nossa gravura representa uma das phases mais movimentadas do match de foot-ball que se realizou em 23 do mez findo, no campo de Bemfica, entre o grupo «Sport Lisboa» exclusivamente composto de portuguezes e o «Carcavellos Club» exclusivamente formado de ingleses. Foi um desafio interessante a todos os respeito e muito principalmente por terem vencido os portuguezes dada a fama de invencíveis de que gozavam os seus adversarios. O numerozo publico que assistia ao match salientou as principaes phases do combate com os seus applausos e com o seu enthusiasmo.



**D. Maria**, *A margem do codigo*, drama em 3 actos de Luiz Barreto. — **Trindade**, *O Espadachim do Outeiro*, opereta em 3 actos, original de Henrique Lopes de Mendonça, com musica do maestro Augusto Machado. *A vinda alegre*. — **D. Amélia**, *Theodoro & C.*, comedia em 3 actos, original de Nancey e Armont, traducção de Aceacio de Paiva. — **Gymnasio**, *Moyés*, comedia em 3 actos de Ruy dos Santos e Viriato Roquete. — **Avenida**, *A Invasão*, opereta militar em 3 actos e 9 quadros, original de Luiz Galharido com musica de Carlos Calderon. — **Paraiso de Lisboa**, *O Prato do dia*, revista em 3 actos e 9 quadros, original de Ayres da Costa, musica de Luz Junior. — **Colyseu dos Recreios**. — **Real Colyseu**. — **Rua dos Condes**. — **Principe Real**.

Dois peças novas acabam de ser representadas, ambas com exito: em **D. Maria**, o drama *A margem do codigo*, e no **Gymnasio**, *Moyés*. De ambas nos occuparemos no proximo numero, limitando-nos a dizer por agora que ambas foram recebidas pelo publico com agrado e applauso.

Firmam a primeira Luiz Barreto e a segunda dois novos no theatro: Ruy dos Santos e Viriato Roquete.

De ha muito que os jornaes annunciavam sob o suggestivo titulo, *Espadachim do Outeiro*, uma nova producção dos srs. Henrique Lopes Mendonça e Augusto Machado, dois artistas consagrados, duas figuras de destaque no nosso meio artistico, o que representava uma garantia de exito.

Como o proprio titulo fazia antever a peça é uma reproducção muito detalhada dos nossos costumes no seculo XVII, que o illustre academico Lopes de Mendonça nos descreve fazendo-nos assistir successivamente a um *outeiro* no claustro de um convento, a uma representação no Pateo dos Arcos e a um sarau. Os typos, estudados com escrupulo, são flagrantemente de verdade, havendo a especialisar o do *Boticario*, excellentemente desempenhado por Gomes e o do *Sargento mór*, por Conde. A musica de Augusto Machado tem paginas felizes como por exemplo toda a scena do *outeiro* no 1.º acto, a representação de pantomima no Pateo dos Arcos, no 2.º acto, a que não falta o sabor da epoca, e ainda o minuetto no 3.º acto.

Tiveram os auctores um valioso auxilio em Taveira que vestiu e montou a peça com magnificencia desusada, e ensaiou com a mestria que todos lhe conhecem.

A regencia de Filgueiras acertadissima e do desempenho temos ainda a especialisar Leitão, que representou e cantou optivamente a parte que lhe distribuiram; *Amelia Barros*, de um comico irresistivel na velha morgada, *Etelvina*, no *Espadachim*, que se defendeu dos escolhos do difficil papel, e *Motilli* n'uma pequena rabula. Os demais, bem. O scenario de José de Almeida excellente.

Não podia ser melhor escolhida para a quadra que vamos atravessando a peça que ultimamente subiu á scena no **D. Amélia**, intitulada *Theodoro & C.*, e que o sr. Accacio de Paiva traduziu com muita felicidade. Desde que o panno sóbe no 1.º até cair no 3.º o espectador ri constantemente com os *negocios* engenhosos da firma *Theodoro & C.*, que exerce o seu commercio com uma actividade prodigiosa, em todos os campos, sem olhar a consequencias, tendo unicamente em mira o lucro; cliente que lhe vá parar ás mãos pode estar certo de que o menos que lhe succede é ficar *depenado*. Além da sua muita graça, tem uma qualidade excellente, — não é pornographica, o que nos tempos que vão correndo é caso digno de registo.

O desempenho foi o mais harmonioso possivel. José Ricardo no *Clodomiro* e Henrique Alves no *Theodoro*, os dois socios da firma, foram de uma graça inexcidivel, bem como Chaby, que nos deu um excellent *Chenesol*. Angela Pinto representou o seu papel com immensa graça, imprimindo lhe a vida que elle requer. Carlos de Oliveira, Antonio Pinheiro, que trazia uma excellent caracterisação, Raphael Marques Sarmento e Juliana Santos, muito bem.

A *Invasão* que subiu ultimamente á scena no **Avenida** é uma peça de grande espectáculo cuja acção decorre em Portugal, perto de Santarem, durante a invasão franceza, e de molde a agradar a um certo publico que gosta de ouvir o barulho dos tiros e se emociona com scenas tetricas. Ali ha um bocadinho de tudo: tiradas, piruetas, situações dramaticas, a par de alguns ditos comicos, cantos varios, scenas de amor, etc., etc. O publico acolheu a peça com agrado e isso é o essencial. No desempenho salientaram-se Dolores Rentini, Izabel Ferreira, Julia Mendes, Leopoldo Froes, Alfredo de Carvalho, Alvaro Cabral e Barreiros. O scenario de effeito. A peça pouco se demorou no cartaz.

O *prato do dia* é, se não estamos em erro, a segunda revista d'este anno. O seu auctor, o sr. Ayres da Costa, que já collaborou n'um outro trabalho do mesmo genero — a revista *Pra frente*, que ha duas epocas se representou no **Avenida**, continuou mantendo n'esta os seus bons creditos de excellent observador e humorista, pois a sua nova producção tem graça ás pilhas. A musica do maestro Luiz Junior é excellent e muito contribuiu para o exito que a peça obteve. A companhia que trabalha actualmente no **Paraiso** houve-se de forma a merecer o elogio do publico que não regateou applausos aos artistas. Enscenação boa.

Tem tido um exito desmedido a companhia infantil de opera italiana que trabalha actualmente no **Colyseu**. Têm-se executado entre outras as operas *Lucia de Lammermour*, *Gueisha*, *Somnambula*, *Traviata*, em cada uma das quaes os pequenas artistas agradaram sem reserva. Parecem mais artistas feitos do que principiantes.

No **Real Colyseu** trabalha actualmente a companhia que estava no **Colyseu dos Recreios** e que continua agradando achando se augmentada de novos elementos de valor.

O **Ruas dos Condes**, embora esteja ainda em pleno successo o *Fado* e *Maxixe*, prepara uma peça phantastica de Celestino da Silva e o **Principe Real** tem peça no cartaz para toda a epoca, pois o *Sol* e *Sombra* continua dando enchenes.

Ruy.

# Theatros

## COLYSEU DOS RECREIOS

### Companhia infantil de opera italiana

Os principaes interpretes da «Lucia»



**Dora Theor**  
*soprano ligeiro*



**Oreste Camarca**  
*tenor*



**Lucia Castaldi**  
*soprano*



**Gennaro Campione**  
*baixo*



**Luigi Panatta**  
*barytono*



**Vittorio Gamba**  
*tenor*